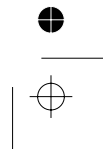
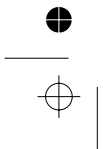
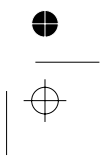
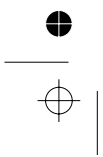
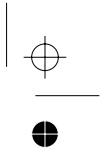
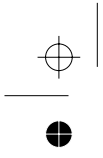






Entre Mais e Melhor Escola em Democracia  
Inclusão e Excelência no Sistema Educativo Português







Leonor Lima Torres e José Augusto Palhares (organizadores)





# ENTRE MAIS E MELHOR ESCOLA EM DEMOCRACIA

INCLUSÃO E EXCELÊNCIA NO SISTEMA EDUCATIVO  
PORTUGUÊS



LISBOA, 2014





© Leonor Lima Torres e José Augusto Palhares (organizadores), 2014

Leonor Lima Torres e José Augusto Palhares (organizadores)  
**Entre Mais e Melhor Escola em Democracia. Inclusão e Excelência no Sistema Educativo Português**

Primeira edição: junho de 2014  
Tiragem: 300 exemplares





ISBN: 978-989-8536-37-2  
Depósito legal:

Composição em caracteres Palatino, corpo 10  
Conceção gráfica e composição: Lina Cardoso  
Capa: Nuno Fonseca  
Revisão de texto: Manuel Coelho  
Impressão e acabamentos: Europress, Lda.

Este livro foi objeto de avaliação científica

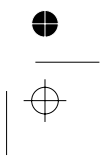
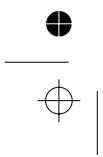
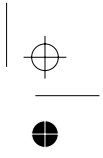
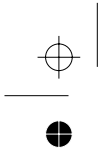
Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,  
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

**Editora Mundos Sociais**, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa  
Tel.: (+351) 217 903 238  
Fax: (+351) 217 940 074  
E-mail: [editora.cies@iscte.pt](mailto:editora.cies@iscte.pt)  
Site: <http://mundossociais.com>



## Índice

<b>Índice de figuras e quadros</b> .....	vii
<b>Sobre os autores</b> .....	ix
<b>Prefácio</b> .....	xi
<i>João Teixeira Lopes</i>	
<b>Apresentação</b> .....	1
<i>Leonor Lima Torres e José Augusto Palhares</i>	
<b>1 A excelência académica na escola pública. Quotidianos escolares e não escolares de jovens enquanto alunos</b> .....	5
<i>José Augusto Palhares</i>	
<b>2 A ritualização da distinção académica. O efeito cultura de escola</b> .....	27
<i>Leonor Lima Torres</i>	
<b>3 A fabricação da entrada em Medicina. Tensões, dilemas e suportes</b> .....	49
<i>Maria Manuel Vieira</i>	
<b>4 Escolarização moderna. Entre as promessas políticas e a tangibilidade da injustiça escolar</b> .....	69
<i>José Manuel Resende</i>	
<b>5 Como se pode construir uma escola justa? Discursos da imprensa de referência em análise</b> .....	93
<i>Maria Benedita Portugal e Melo</i>	
<b>6 A excelência no plural em colégios singulares</b> .....	117
<i>Maria Luísa Quaresma</i>	
<b>7 O sistema escolar e o “sistema educativo na sombra” (explicações). Que relações?</b> .....	133
<i>António A. Neto-Mendes</i>	



## Índice de figuras e quadros

### Figuras

1.1	Evolução dos alunos distinguidos no quadro de excelência, por ano letivo e género .....	9
1.2	Resultados escolares dos alunos distinguidos no quadro de excelência, por ano de escolaridade secundária e género .....	9
1.3	Áreas científicas frequentadas pelos alunos distinguidos no quadro de excelência, por género .....	10
1.4	Opção em que foram colocados os alunos do quadro de excelência, na primeira vez que concorreram ao ensino superior .....	12
1.5	Práticas e disposições da excelência académica.....	18
1.6	Atividades extraescolares .....	19
1.7	Outros lazeres e tempos livres .....	21
1.8	Atividades escolares e não escolares fora da escola.....	21
2.1	Cultura organizacional em contexto escolar: tendências investigativas no panorama internacional.....	32
2.2	Variantes da missão da escola expressas no Projeto Educativo e no Projeto de Intervenção da Escola E (n.º total de referências) .....	35
2.3	Razões que mais contribuíram para a entrada na Escola E .....	38
3.1	Evolução do número de médicos .....	52
3.2	Evolução do número de vagas e de candidatos no concurso de acesso ao curso de Medicina — FM-UL e total das instituições .....	59

### Quadros

1.1	Entradas, saídas e permanências num quadro de excelência.....	10
1.2	Profissão dos progenitores (%) .....	12
1.3	Grau de escolaridade dos progenitores (%).....	13
1.4	Indicador socioprofissional familiar de classe .....	14

1.5	Experiência como aluno excelente (%) (indicação no máximo de três opções).....	16
1.6	Escolaridade do pai e da mãe.....	16
2.1	Imagem da Escola E, na perspetiva dos antigos alunos .....	35
2.2	Participação dos alunos na organização escolar por género (n.º de referências).....	38
2.3	Frequência de utilização dos espaços da escola (%).....	38
2.4	Local de estudo .....	39
2.5	Com quem costuma estudar (%) .....	39
2.6	Modo de funcionamento da Escola E .....	39
2.7	Aspetos na promoção da excelência escolar .....	40
3.1	Classificação do último colocado no concurso de acesso ao curso de Medicina — FM-UL e total das instituições .....	52



## Sobre os autores

**José Augusto Palhares** é sociólogo, docente e investigador no Departamento de Ciências Sociais da Educação da Universidade do Minho, desde 1991. Doutor em Educação, na área de conhecimento em Sociologia da Educação, tem incidido os interesses de investigação no âmbito de uma sociologia da educação não escolar e de uma sociologia da juventude.

**Leonor Lima Torres** é socióloga, docente e investigadora no Departamento de Ciências Sociais da Educação da Universidade do Minho, desde 1991. Doutora em Educação, na área de conhecimento em Organização e Administração Escolar, tem desenvolvido vários trabalhos de investigação no domínio da sociologia das organizações educativas, privilegiando as problemáticas da cultura organizacional escolar e das políticas e práticas de formação em contexto de trabalho.

**Maria Manuel Vieira** doutorou-se em Sociologia pelo ISCTE — Instituto Universitário de Lisboa e é investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, onde também coordena o OPJ — Observatório Permanente da Juventude. Os seus atuais interesses de pesquisa, na área da Educação, situam-se nas temáticas da escolarização e processos de individuação, escolaridade como laço de filiação entre pais e filhos, culturas adolescentes no espaço escolar, sistema educativo e modernidade.

**José Manuel Resende** é sociólogo, professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, membro integrado do CesNova (Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Novas) e membro associado do OPJ — Observatório Permanente da Juventude do Laboratório Associado do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

**Maria Benedita Portugal e Melo** é doutora em Sociologia pelo ISCTE (2008). Leciona no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. É membro da UIDEF (Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa). As suas áreas de investigação situam-se no domínio da Sociologia da Educação, Comunicação e Cultura. É autora e coautora de obras diversas, entre as quais se salientam: Os

*Professores do Ensino Secundário e os Rankings Escolares* (Fundação Manuel Leão, 2009); *Learning, Knowledge and Competencies. From the Local to the Global* (Cambridge Scholars Publishing, 2009); *Escola, Jovens e Média* (Imprensa de Ciências Sociais, 2007).

**Maria Luísa Quaresma** licenciou-se em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Doutorou-se em Sociologia pela mesma instituição, com uma tese sobre o sucesso educativo em colégios privados frequentados pelas classes dominantes. Atualmente, é professora titular e investigadora na Universidad Autónoma de Chile e investigadora associada do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto.

**António A. Neto-Mendes** é docente no Departamento de Educação da Universidade de Aveiro e investigador do CIDTFF (Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores da Universidade de Aveiro). É doutorado em Ciências da Educação pela Universidade de Aveiro. Para além da experiência ao nível da docência e gestão universitária, desenvolve a sua investigação nas áreas da Sociologia da Educação e da Administração Educacional. Interessa-se particularmente pela análise das políticas educativas e das estratégias dos agentes educacionais com vista à produção dos resultados escolares, pela participação das autarquias na educação e pelo trabalho dos professores na organização escolar.



## Prefácio

*João Teixeira Lopes*

Ao debater as questões da justiça em contexto escolar, este livro representa algumas das mais entusiasmantes linhas de recente pesquisa no domínio da Sociologia da Educação em Portugal.

Em primeiro lugar, oferece-nos um leque de estudos que, no seu conjunto, nos permitem um estimulante vaivém entre os grandes contextos sociais (nomeadamente o intrincado sistema de desigualdades, em recomposição, e a configuração do Estado e das políticas públicas), as culturas organizacionais próprias de estabelecimentos escolares dotados de um *ethos* relativamente autónomo e as singularidades individuais, encaradas como desdobramento específico das lógicas sociais.

Em segundo lugar, desafia as explicações fortificadas numa única escala territorial, uma vez que convida a que cruzemos as poderosas orientações transnacionais de política educativa (de pendor liberal), com as suas traduções institucionais, locais, de classe ou de grupo.

Em terceiro lugar, para além de resgatar regularidades e padrões, espreita sempre a variabilidade de orientações e as lógicas plurais de ação.

Logo no primeiro capítulo, José Augusto Palhares, ao debruçar-se sobre as dimensões escolares e não escolares da excelência académica na escola pública, conclui pela existência de “distintos envolvimentos e disposições dos alunos”, o que nos obriga a superar recorrentes “ilusões de homogeneidade” que tentam uniformizar o que na realidade é diverso.

Ainda no esforço de indagação das lógicas subjacentes às práticas escolares de emulação, Leonor Lima Torres desvenda a centralidade dos fatores simbólico-culturais no desenvolvimento das culturas organizacionais das escolas, conferindo visibilidade a uma série de fatores institucionais que amiúde ficam na sombra analítica das análises extensivas: os rituais de trabalho, os estilos de liderança, as formas de organização do processo ensino-aprendizagem ou, ainda, as formas de interação com a comunidade.

Maria Manuel Vieira, por seu lado, ao analisar um conjunto vasto de entrevistas a estudantes que entraram em Medicina, revela percursos que, mostrando

a importância da ação pedagógica familiar, salientam igualmente, nesse longo processo de fabricação do sucesso, a relevância de outros agentes de socialização, como as instituições escolares e os docentes, que têm um ascendente junto destes jovens muito maior do que os próprios amigos.

José Manuel Resende, na reflexão crítica que apresenta sobre a configuração discursiva do trabalho por projeto, na senda de uma sociologia pragmática, mostra como se tornou hegemónica a organização do trabalho escolar (e do trabalho em geral) baseada numa certa economia moral, através da qual o novo espírito do capitalismo busca uma articulação estratégica entre os princípios da autonomia, da inovação e da criatividade, e as questões da singularidade e da autenticidade. Esta conjunção traduz-se, pelo que o autor pôde observar em reuniões de avaliação escolar, num ambiente de ambivalências, indeterminações e incertezas.

Maria Benedita Portugal e Melo, ao pesquisar os discursos da imprensa de referência sobre as grandes polémicas educativas, conclui pela existência de uma certa diversidade de argumentos e tomadas de posição (“tanto a promoção do mérito como o reconhecimento das diferenças; tanto a importância de se promover a dimensão cívica, crítica e emancipadora da educação como de se assegurar a sua eficácia e utilidade prática”), mas sob a batuta cada vez mais presente de uma constelação simbólico-ideológica onde sobressaem os eixos da eficácia social e da utilidade da escola, da obrigação de prestação de contas e da assunção do mercado como princípio regulador do mundo escolar.

Maria Luísa Quaresma mostra como a combinação de lógicas heteróclitas está igualmente presente nos processos de construção da “excelência” em colégios privados, tida cada vez mais como pluridimensional e incorporando dimensões críticas, reflexivas e mundanas, ainda que, uma vez mais, sob o comando de um projeto socializador total, no qual se valoriza distintivamente o trabalho, o esforço e o mérito.

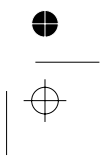
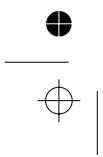
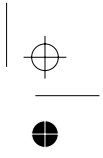
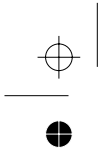
Finalmente, António A. Neto-Mendes desvenda um sistema educativo (na) sombra onde, através do recurso sistemático a explicações, próprio de uma configuração de um Estado social débil (também) em matéria de apoios educativos, se fomenta “um clima competitivo e [...] uma crença forte no valor da educação para o progresso económico e social”, ao mesmo tempo que se reproduzem (des)vantagens entre as famílias que podem (ou não) ter acesso a este sistema de recursos.



Em suma, o livro apresenta-nos um conjunto contraditório e tenso de novos caminhos do inacabado processo de democratização escolar que, longe de ser um exemplo de evolução linear, é perpassado pela combinação de lógicas discursivas e argumentativas diversas e com orientações várias, e por práticas heterogéneas, embora com o predomínio cada vez mais nítido do universo da economia neoclássica, próprio de uma visão redutora do mérito, frequentemente dissociado das suas condições de mobilização e produção.

A grande questão, como de resto nos aponta Leonor Lima Torres, é a de saber se a cultura de participação democrática, o envolvimento dos estudantes para além das dimensões do esforço e da competição e a promoção de uma cidadania crítica se transformarão em meros resíduos ou ruídos na escola do futuro. É que para

sobre nós um espectro: a escola plural encontra-se ameaçada, qual regressão civilizacional, pela escola unidimensional.

Que este livro seja apropriado pelo debate público, em espiral de mútuo enriquecimento, eis o meu (otimista) desejo.





## Apresentação

*Leonora Lima Torres e José Augusto Palhares*

Analisando as orientações estruturantes para a escola portuguesa nas últimas décadas, constata-se a presença de uma tensão entre dois objetivos relativamente inconciliáveis: a democratização dos processos (a igualdade de oportunidades, a inclusão e a justiça social) e a qualidade dos resultados (o mérito, o desempenho escolar e a excelência académica). Esta tensão de tipo *mais/melhor* apresenta, contudo, *nuances*, tónicas e desequilíbrios variáveis consoante os contextos histórico-sociais. Nos últimos anos emergiram novas lógicas que têm acentuado esta tensão. Do lado da prioridade *mais escola*, valoriza-se a abertura da instituição escolar, seja por via da diversificação da oferta formativa, seja pelo incentivo ao estabelecimento de parcerias educativas, seja ainda pelo fomento de medidas organizacionais e pedagógicas diferenciadoras e inclusivas, enquadradas agora pelo desejado reforço da autonomia da escola. Do outro lado, a prioridade *melhor escola* vai ganhando centralidade à medida que se vão conhecendo os efeitos sócio-organizacionais de certas orientações políticas de cariz tipicamente neoliberal: avaliação externa das escolas, publicitação de *rankings*, generalização dos exames nacionais no final dos vários ciclos de ensino, avaliação do desempenho dos professores, controlo e racionalização dos recursos e implementação da gestão unipessoal. Paulatinamente vão-se instalando as lógicas dos mercados escolares, que se refletem na crescente competição entre as escolas públicas, e entre estas e as escolas privadas, pela captação de alunos e pela produção de “melhores resultados”, nuns casos como forma de garantir a sua sobrevivência na rede escolar, noutras casos para assegurar uma posição de referência na hierarquia oficiosa dos estabelecimentos de ensino. Os debates internos que sustentam a produção dos documentos seminais das escolas/agrupamentos (plano de intervenção do diretor, projeto educativo, regulamento interno e plano anual de atividades) fazem transparecer esta tensão entre *mais* e *melhor* escola, não raras vezes diluída em soluções inventivas do ponto de vista pedagógico e organizacional, mas amplamente mimetizáveis em contextos e situações educativas de diversa escala. As posições assumidas pelas organizações escolares na distribuição das “sentenças” escolares (sentenças escolares de pendor mais elitista e sentenças escolares de pendor mais democrático) constituirão, por

sua vez, os símbolos que mais claramente espelham a tensão que caracteriza o quotidiano dos atores educativos.

Este livro apresenta alguns contributos sobre esta problemática, baseados em investigações recentes desenvolvidas por autores de diferentes instituições de ensino superior e centros de investigação. Os sentidos do atual processo de democratização da escola assumem aqui uma centralidade analítica, procurando-se indagar se as opções políticas, a distintos níveis, estarão ou não a inclinar-se para a individuação dos percursos escolares e para a consagração do mérito como principal valor educativo. Considera-se, no entanto, que já não está apenas em causa o mérito escolar associado ao desempenho académico do aluno, mas igualmente a sua tradução em dispositivos organizacionais e as suas repercussões na construção de uma imagem de escola eficaz e competitiva. Nesta ordem de ideias, reúnem-se contributos reflexivos que incidem sobre a construção social da excelência académica, a partir da pluralidade dos sentidos que os vários atores atribuem aos processos e às dinâmicas de escolarização na sociedade portuguesa. Esta diversidade de perspetivas será captada tanto no modo como as experiências escolares são vivenciadas pelos professores, alunos e funcionários, como na forma como são representadas e mediadas pelos pais, técnicos, políticos e fazedores de opinião.

A pluralidade de olhares sociológicos que convergem neste trabalho foi germinada e entrelaçada por altura do VII Congresso Português de Sociologia, que se realizou no Porto, entre os dias 20 e 23 de junho de 2012. Dando sequência ao entusiasmo dos vários autores que responderam positivamente ao nosso convite para integrar um grupo de trabalho que refletisse sobre o dilema entre *mais* e *melhor* escola em democracia e o seu impacto na construção da excelência académica, desde logo se começou a trabalhar numa proposta de livro que desse conta de algumas dimensões compreensivas deste fenómeno educativo, muito embora não interligadas nos planos teórico e metodológico. Se os dois primeiros textos da presente publicação são originários do mesmo referencial teórico e empírico, decorrentes de um estudo de caso em curso numa escola secundária pública do Norte do país, os demais textos emergem de projetos de investigação, findos ou em curso, desenhados com distintas lógicas e objetivos. Porém, a sua redação procurou convergir com o desafio temático lançado e, no fundo, fez emergir contornos estruturantes da problemática que ilustram de forma significativa uma visão holística deste fenómeno educativo.

Assim, adotando um plano de análise mais amplo, o autor do capítulo 1 propõe-se explorar o quotidiano escolar e não escolar de alunos do ensino secundário distinguidos num quadro de excelência, em relação ao qual foi possível destacar práticas de estudo, de lazer e tempos livres diferenciadas, sobretudo por género e origens sociais, num grupo escolar que, à partida, se pensaria mais homogéneo. O escolar e o não escolar emergem como espaços-tempos segmentados nas suas mútuas relações, obedecendo a distintas apropriações, opções e lógicas de organização social dos quotidianos dos jovens, cada vez mais investidos na condição de alunos, não obstante a centralidade da escola permanecer na transversalidade das diferentes condições sociais enquanto projeto de vida.

Mergulhando no interior da escola como organização social, a autora do capítulo 2 reflete sobre o impacto dos fatores culturais e simbólicos na construção da



excelência acadêmica, elegendo como categorias analíticas os processos de liderança, a missão e a imagem social da escola, e as representações dos alunos distinguidos sobre a experiência escolar e a importância desta instituição enquanto contexto significativo de socialização. Colocando em destaque os efeitos de escola na construção do ideário educativo dos jovens alunos, a autora interroga as lógicas escolares baseadas no culto do mérito, alertando para a possibilidade de as mesmas poderem esvaziar o potencial democratizador da instituição escolar.

A compreensão dos processos de fabricação da excelência escolar prossegue no capítulo 3, onde Maria Manuel Vieira se debruça sobre as vivências dos estudantes ingressados no curso de Medicina, cujas restritivas condições de acesso configuram um cenário paradigmático para o estudo dos percursos escolares de excelência. Recorrendo aos dados empíricos produzidos no âmbito de um projeto recentemente concluído, a autora desvenda as tensões e os dilemas experienciados pelos estudantes de Medicina durante a escolaridade secundária, interroga o sentido do processo de decisão escolar e vocacional e identifica as condições e suportes que ajudaram a construir, na longa duração, uma filiação e uma trajetória escolares de excelência.

Por sua vez, José Manuel Resende introduz reflexivamente o leitor nas incertezas do atual quadro da modernidade, sobretudo quando a “sociedade das provas” impele o sujeito a construir-se e a reconstruir-se sob as lógicas fluidas dos projetos em que se envolve e a buscar os sentidos de si, perante o próprio e perante os outros. Assim, no capítulo 4 o autor revisita os fundamentos da ideia moderna de excelência e mérito escolares, pondo agora em evidência o seu caráter mais volátil face às situações e contextos de prova a que o indivíduo se terá de submeter, na escola e no mundo do trabalho, dando expressão a projetos de vida (re)ajustáveis em função da capacidade do sujeito para os desenhar e os manter atualizados. Mas a espinha dorsal deste texto faz ancorar o debate nas questões da justiça e das desigualdades escolares, assim como problematiza os contornos e as controvérsias dos atos de avaliar e de fabricar a excelência no presente cenário político e sociológico da escola.

Também no texto assinado por Maria Benedita Portugal e Melo (capítulo 5) o tópico da justiça escolar merece atenção privilegiada. No plano teórico, a autora revê a evolução dos modelos democráticos de justiça escolar na Europa e em Portugal, para a partir deste exercício deduzir os princípios de justiça prevalentes no desenvolvimento das políticas públicas da educação. Socorrendo-se de um *corpus* documental constituído por editoriais e artigos de opinião difundidos no jornal *Público* nos anos 2010, 2011 e 2012, a autora conclui, retomando trabalhos anteriores, que desde o início do século XXI se vem assistindo na sociedade portuguesa a uma ampliação e coexistência de diferentes argumentos discursivos sobre as lógicas que deveriam regular o sistema de ensino, sendo possível identificar correntes de opinião mais próximas do polo que temos vindo a designar *melhor escola* (“princípios da igualdade meritocrática de oportunidades, da qualidade, da competição, bem como da responsabilização individual dos alunos”) e defensores mais identificados com os princípios de justiça que gravitam em torno do polo *mais escola* (“inclusão social” e “vertente cívica e humanística da educação”). Porém, como

sublinha a autora, o debate veiculado no *Público* tende a fazer prevalecer os princípios mercantis de justiça escolar.

Mostrando que os valores da excelência e da meritocracia atravessam todo o sistema educativo, do setor público ao espaço privado, no capítulo 6 Maria Luísa Quaresma deambula pelas principais correntes teóricas que nos últimos anos têm alimentado o debate científico em torno desta problemática no plano internacional. Partindo do estudo empírico realizado no âmbito da sua tese de doutoramento sobre o sucesso educativo em dois colégios privados frequentados pelas classes dominantes, a autora reflete sobre as distintas concepções de excelência e de mérito coletivamente partilhadas e ritualizadas nestes contextos, destacando os seus traços pluridimensionais, não restritos apenas às capacidades cognitivas e ao desempenho académico. Apesar das singularidades identificadas, conclui-se que ambos os colégios sustentam a sua ação quotidiana no princípio de uma educação integral (“excelência de banda larga”), em sintonia com o ideário das famílias que veem nesta matriz educativa um garante da demarcação das massas e da preservação das suas posições de dominação.

O livro encerra com uma abordagem às dimensões formais e não formais da educação escolar, incidindo mais particularmente sobre as relações que se tecem entre as dinâmicas oficiais da cultura escolar e as estratégias desenvolvidas *na margem* do sistema educativo, com vista à produção do sucesso e de resultados académicos. António A. Neto-Mendes põe em destaque o fenómeno das explicações (“sistema educativo na sombra”), convocando para o efeito dados de investigação de âmbito nacional e internacional resultantes de projetos em que tem estado envolvido na última década, a partir dos quais problematiza esta faceta da realidade educativa sobejamente conhecida e naturalizada pelos diversos atores escolares, mas não suficientemente equacionada, nem regulada, quanto aos seus efeitos políticos, organizacionais e pedagógicos. Não sendo um fenómeno recente nem idiossincrático da realidade portuguesa, o autor não deixa mesmo assim de o contextualizar face às lógicas do nosso sistema educativo e de evidenciar os seus contornos por referência ao emergente mercado educacional. Fica claro neste texto que à excelência e ao mérito escolares subjazem lógicas competitivas e de diferenciação dos percursos dos alunos, jogando-se aqui investimentos familiares de diversa ordem e não indiferentes para a compreensão e apropriação (particularísticas) dos sentidos e do alcance do processo de escolarização nas sociedades contemporâneas.